

## VOCÊ SE OCUPA DAS SUAS COISAS HOJE, QUE EU FAÇO AS MINHAS ATIVIDADES! O MÉTODO TERAPIA OCUPACIONAL DINÂMICA COM CRIANÇAS

Do your occupations today because I will do my activities! The dynamic occupational therapy method with children

Hoyocúpate de tus cosas, que yohagomis actividades! El método terapia ocupacional dinámica com niños

Mastropietro, A.P.; Cestari, L.M.Q.&Marcolino, T.Q. (2022). Você se ocupa das suas coisas hoje, que eu faço as minhas atividades! O método terapia ocupacional dinâmica com crianças. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 6(3), 1231-1236. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto42860

Ana Paula Mastropietro 

<https://orcid.org/0000-0003-0581-0689>  
Centro de Estudos de Terapia Ocupacional  
Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Leila Maria Quiles Cestari 

<https://orcid.org/0000-0002-4551-7869>  
Universidade Federal de São Carlos  
São Carlos, SP, Brasil.

Taís Quevedo Marcolino 

<https://orcid.org/0000-0002-9694-5118>  
Departamento de Terapia Ocupacional  
Universidade Federal de São Carlos  
São Carlos, SP, Brasil

### Resumo

**Contextualização:** Análise de atendimento de terapia ocupacional, sob pressupostos do Método Terapia Ocupacional Dinâmica, em consultório, de criança de sete anos. **Processo de Intervenção/acompanhamento:** O caso é descrito enfatizando as aquisições da criança, contadas pelas atividades desenvolvidas com a terapeuta ocupacional. **Análise crítica da prática:** Fazer atividades com a(o) terapeuta ocupacional é central no Método Terapia Ocupacional Dinâmica e coloca em movimento a relação triádica. A oferta de um espaço livre e criativo, sem protocolos prévios, para que a criança possa se conhecer e se fazer reconhecer no mundo, é uma tarefa para terapeutas ocupacionais que buscam possibilitar às pessoas serem, fazerem e se relacionarem a seu modo no social. **Síntese das considerações:** O processo dinâmico de cuidado em terapia ocupacional permite múltiplas possibilidades para crianças - de aprendizagem, de reconhecimento de si, de habilidades, capacidades e limites - que se atualizam nas atividades do cotidiano.

**Palavras-chave:** Terapia ocupacional. Criança. Atividades cotidianas.

### Abstract:

**Contextualization:** Analysis of occupational therapy private practice with a seven-year-old child, under the assumptions of the Dynamic Occupational Therapy Method. **Intervention process/accompaniment:** The case is described emphasizing the child's acquisitions, told by the activities developed with the occupational therapist. **Critical analysis of the practice:** Doing activities with the occupational therapist is central to the Dynamic Occupational Therapy Method and sets the triadic relationship in motion. Offering a free and creative space, without previous protocols, so that the child can get to know himself and be recognized in the world, is a task for occupational therapists who seek to enable people to be, do and relate in their own way in the social world. **Summary of considerations:** The dynamic process of occupational therapy allows multiple possibilities for children - for learning, self-recognition, skills, abilities and limits - that are updated in everyday life activities.

**Resumen:** Análisis de terapia ocupacional en el Método de Terapia Ocupacional Dinámica, en consulta privada, para un niño de siete años. **Proceso de intervención/seguimiento:** Se describe el caso enfatizando las adquisiciones del niño, contadas por las actividades desarrolladas con la (el) terapeuta ocupacional. **Análisis crítico de la práctica:** Realizar actividades con la (el) terapeuta ocupacional es fundamental para el Método de Terapia Ocupacional Dinámica y pone en marcha la relación triádica. Ofrecer un espacio libre y creativo, sin protocolos previos, para que el niño pueda conocer y ser reconocido en el mundo es una tarea de terapeutas ocupacionales que buscan habilitar a las personas para ser, hacer y relacionarse de su manera en la vida social. **Resumen de consideraciones:** El proceso de cuidado dinámico en terapia ocupacional permite múltiples posibilidades para los niños - de aprendizaje, autoconocimiento, habilidades, capacidades y límites - que se actualizan en las actividades diarias.

**Palabras clave:** terapia ocupacional. Niño. actividades diarias.

## 1. Contextualização

Trata-se de atendimento, sustentado pelo Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD), de uma criança de sete anos, há dois anos em terapia ocupacional em consultório particular. A criança também era acompanhada em psiquiatria e psicologia. O relato está em primeira pessoa do singular, valorizando o percurso conduzido pela terapeuta ocupacional, e, em terceira pessoa do singular, destacando as atividades realizadas pela criança em tratamento, identificada como F. no decorrer do texto.

## 2. Processo de intervenção/acompanhamento

Começarei pelo fim: F., um menino de sete anos, chega para sua sessão e, logo ao entrar na sala, pede para eu me sentar no lugar onde ele costuma fazer suas atividades e combina que, naquele dia, ele veio pronto para fazer tudo sozinho e pede para eu me ocupar fazendo minhas coisas.

Em nossos primeiros atendimentos, iniciados há dois anos, havia momentos em que F. não sabia o que tinha feito na semana anterior, parecia não reter dentro dele o que era vivido, e toda semana parecia que sempre era o primeiro encontro. Eu me sentia uma desconhecida, alguém que acabava de conhecer, e ele, distante, expressava estranhamento e incômodo sempre que iniciava a sessão, e preferia ficar brincando com seus dedinhos!

Na terapia ocupacional, F. aprendeu que podia fazer o que tinha vontade: descansar deitado no chão, sem sapato e assistir um filme na Netflix; conversar sobre a chatice de ser sempre o último a acabar as tarefas na escola e sobre sua vontade de quebrar o relógio na tentativa de controlar o tempo (e eu ajudando-o a entender que a forma com que lida com o tempo era diferente); jogar combate, perder muitas vezes! até entender a estratégia que eu usava e depois ganhar sem parar; jogar jogo da vida, ora brincando apenas com os dinheiros do jogo, ora jogando para cima fazendo uma chuva milionária, ora tentando pensar no troco; fazer bonecos de gesso ou só brincar com o gesso e água para experimentar as diversas formas que o gesso assume, ou só brincar com o pó para jogar para o alto e ver a fumaça branca; brincar com o enchimento de fibra para a almofada, deixando a sala toda cheia de “neve” macia e quente; fazer bolas de vidros usando vidro líquido e blisters; fazer o cachecol amarelo, para a necessidade de enfrentar o frio na sua visita à casa nova em um país do norte global; brincar de destruir bonecos; fazer e comer bolo; conversar sobre formas de tentar controlar o xixi pra não fazer na cama; planejar visitas na casa de amigos e também recebê-los na sua casa, até para dormir; jogar fora o que não gostou, muitas vezes até com pena de jogar algo fora; e fazer presentes para os amores da vida, que são muitos e que nenhum compete com o outro, sendo possível acumular amores dentro de nós.

E, também, brincar de escolher e juntar um monte de atividades que fez e separá-las em grupos, e dar nomes para os grupos criados. Um dos grupos ganhou o nome de *Grude*: a fibra siliconada, glicerina, água, dado, gesso e bolinhas de isopor. Contou que, quando brincava com esses materiais, ele acabava

se esquecendo do que estava fazendo e ficava grudado neles, esquecia-se do tempo, de quem estava perto e que, muitas vezes, precisava de ajuda para encerrar a brincadeira, associando-as com a brincadeira com seus dedos, que, quando começava, perdia o contato com o mundo, ficava um tempão mergulhado na brincadeira, o pior é que, às vezes, sentia-se preso, sem conseguir sair, e percebia, em alguns momentos, que as pessoas em volta ficavam chateadas, incomodadas, irritadas com ele.

Ao ver e conversar sobre as atividades de F. com a terapeuta ocupacional, os adultos que conviviam com ele conheceram seu modo de fazer e suas aquisições: os pais passaram a estar com ele, fazendo suas próprias atividades, sem precisar fazer junto as atividades dele; a psicóloga passou a não mais trabalhar o jeito "certo" dele fazer as coisas; a médica, após a visita ao consultório da terapeuta ocupacional, passou a olhar diferente para suas capacidades; e a professora mudou os tempos - mais tempo para o difícil de aprender e menos tempo para o já sabido.

Viver todo esse processo na relação triádica, fez de F. um conhecedor e detentor de muitas histórias. E foi esse menino que chegou na sessão e disse que eu podia me ocupar das minhas coisas naquele dia, pois faria suas atividades sozinho - permitindo-me observar sua agitação ao propor algo grandioso, perceber o desafio que estava se colocando e sua segurança de sucesso!

Organizou os materiais antes de começar a fazer sabonetes, tomou cuidado no uso dos materiais perfurocortantes, mostrando suas aquisições ao ousar cortar a glicerina com a mais potente das facas, a verde! (mas, primeiro, aprendeu a cortar com a colher, depois com a faca sem ponta, depois a com serra menos afiada e com ponta). Depois, abriu a porta do micro-ondas com precisão, sem trazer tudo para frente, como das primeiras vezes! Agiu com delicadeza para pingar o corante (nas primeiras vezes, pingou tanto que deixou o produto inutilizável e sujou de corante tudo que encostava!); e demonstrou conhecer o tempo correto para não ferver a glicerina. E soube esperar e respeitar esse tempo (conseguindo até sentar e ver o que a terapeuta ocupacional estava fazendo!), depois pegou o recipiente quente com cautela, dosou a essência, sem que passasse do ponto, para conseguir o cheiro perfeito! (não tinha gostado do cheiro da glicerina natural e sabia dos perigos do cheiro forte demais: irritação nos olhos e na garganta!), misturou os ingredientes com certa rapidez para resultar numa pasta homogênea (mas, antes, já havia aprendido que, se endurecesse, perdia todo o processo e tinha que jogar a pasta no lixo, pois não dava para colocar na forma e voltar ao micro-ondas, não podia esquentar a glicerina com essência e corante juntos, pois ela perdia a capacidade de voltar ao estado líquido!).

Conseguiu, com muita destreza, colocar o líquido ainda quente nas forminhas de silicone e colocá-las dentro de uma outra forma de metal para ir ao refrigerador. Demonstrou a dissociação dos movimentos dos dois braços: firmeza para segurar o frigobar com uma mão e abrir porta e gaveta. E, além disso, mostrou que aprendeu a esperar, com uma agitação gostosa! sensação que aprendeu a reconhecer, diferenciando-a de outras sensações negativas.

Na hora de pegar os sabonetes, já duros e possíveis de serem desenformados, soube apertar no lugar certo para aumentar a bolinha de ar para descolar, e fazer a embalagem, usando tesoura gigante e

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 6(3), 1231-1236, 2022.

afiada para cortar o plástico “chatão e grudento” - filme de PVC, que já grudou no pé, no cabelo e até no meu sapato. Depois, escolheu um adesivo, dentre as muitas opções (em outros tempos, essa etapa era responsável por vinte minutos da sessão! Escolher, no meio de tantas opções, não é nada fácil), e, finalmente, colocar na sacola.

E ainda limpou os utensílios e a bancada. Ao finalizar, deu um show de alegria com uma requebradinha, cantando a música do Mário, personagem preferido dos jogos eletrônicos.

### **3.Análise crítica da prática**

Para o MTOD, a(o) terapeuta ocupacional assume uma postura ativa na investigação do que leva o sujeito a uma posição de exclusão, com todas as informações que estiverem disponíveis (Marcolino & Benetton, 2013; Marcolino, Benetton, Cestari, Mello & Araújo, 2020). Tais informações compõem um diagnóstico que é situacional, pois *posição* e *situação*, são mutáveis. O ponto de partida para a construção desse diagnóstico situacional é a liberdade, sem protocolos e avaliações estruturadas previamente; inicialmente, observando para depois buscar compreender a repercussão de sua condição em sua vida cotidiana (Benetton, Ferrari, Mastropietro, Bertolozzi & Marcolino, 2021). Fazer atividades com a(o) terapeuta ocupacional é a consigna desse trabalho para depois seguir o sujeito-alvo em suas descobertas, com procedimentos sempre abertos ao novo.

A prática discutida neste artigo possui uma narrativa centrada no processo de realização das atividades, em uma relação triádica, de modo a nos permitir analisar pressupostos do MTOD que conduziram esse percurso. Fazer atividades na relação triádica abre espaço para observação e informação que alimentam o raciocínio associativo para o manejo da relação triádica, para o estabelecimento de espaço de historicidade e construção de narrativa para reformular a inatividade e a descrença tanto das pessoas que cuidamos em terapia ocupacional como das pessoas de sua convivência (Benetton & Marcolino, 2013). Busca-se ampliar as possibilidades de participação e inserção social, como discutido nos estudos da revisão de Tanner, Hand, O’Toole e Lane (2015).

As observações da terapeuta ocupacional sobre F. em atividade abriram espaço para procedimentos educativos e relacionais, que permitiram-no realizar múltiplas atividades, com experimentações sem julgamentos e abertas ao reconhecimento de suas capacidades, habilidades e limites (Santarosa, 2012). Cada brincadeira pode ser vivenciada de muitas formas: do modo como ela é compartilhada socialmente e, também, das maneiras particulares de F., como encher a sala de fibra de enchimento de almofada ou de pó de gesso, ou brincar com a glicerina na água até ela derreter inteiramente.

Segundo Ferrari (2005), o *setting* da terapia ocupacional, como um espaço objetivo e subjetivo que comporta a relação triádica, permite ao sujeito-alvo encontrar sua base e, assim, lançar-se a experimentações. São essas experimentações na relação triádica que permitem desencadear múltiplas descobertas, sensações, emoções, sentimentos e pensamentos, e analisar esse processo é o que permite aos sujeitos, dentre eles as crianças, ganhar consciência de si, de seu modo de ser, de fazer e de se

relacionar. Viver essas experimentações com liberdade é o que permite ter experiência para fazer associações com outros aspectos e situações da vida.

As Trilhas Associativas, técnica de análise de atividades privilegiada para favorecer a construção de sentidos, criada por Jô Benetton, demanda compilar todas as atividades realizadas (ou suas fotografias), solicitar que o sujeito-alvo as agrupe do modo como fizer sentido para ele e instaurar um processo dialógico no qual terapeuta ocupacional e sujeito-alvo, dinamicamente, podem reagrupar as atividades e conversar sobre o que esses grupos fazem emergir. A terapeuta pode falar sobre suas associações, reflexões, mostrar outros agrupamentos, mas é *sempre* o sujeito-alvo quem valida o sentido final. Esse processo busca permitir ao sujeito construir sua rede associativa, que integre fazer e pensar-sentir (Benetton, 1991).

Ao realizar as Trilhas Associativas, F. somente conseguiu construir sentidos sobre as atividades que o faziam ficar "grudado", pois foi permitido a ele realizar atividades a seu modo. Assim, as atividades "grude" puderam ser associadas à atividade de ficar "grudado em seus dedinhos", abrindo espaço para que F. tomasse consciência de que precisava de ajuda para sair do "grude" e que isso também trazia impactos em suas relações. A revisão realizada por Dituri e Marcolino (2016) indicou a publicação de Trilhas Associativas com adolescentes, adultos e idosos, e acreditamos que essa seja a primeira publicação de sua utilização com uma criança - embora haja relatos clínicos não publicados.

No MTOD, seguir os movimentos dinâmicos da relação triádica implica que terapeutas ocupacionais se distanciem de padrões normativos (Benetton & Marcolino, 2013, Santarosa, 2012). A oferta de um espaço para que a criança possa se conhecer e se fazer reconhecer no mundo - e num mundo que sujeita pais, professores e crianças a uma cruel perfeição de seus comportamentos (Cid, Squassoni, Gasparini & Fernandes, 2019; Santarosa, 2012) - é uma tarefa para terapeutas ocupacionais que buscam ampliar espaços de saúde como possibilidades de ação (Maximino, Perti & Carvalho, 2012). Terapeutas ocupacionais do MTOD trabalham com a criança e com pessoas e coisas que participam do seu mundo, para construir um novo coletivo pela associação em rede de coisas e pessoas que tornem a criança "sujeito", ao invés de sujeitá-la - processo nomeado de inserção social (Marcolino et al., 2020).

#### **4. Síntese de considerações**

O processo dinâmico, livre e criativo de cuidado preconizado pelo MTOD permite múltiplas possibilidades para crianças - de aprendizagem, de reconhecimento de si, de suas habilidades, capacidades e limites. Fazer atividades na relação triádica visibiliza aquisições que permitem novas associações no social, demandando transformações nas pessoas e em seu ambiente.

#### **Referências**

Benetton, J. (1991). Trilhas Associativas: ampliando subsídios na clínica da psicose. São Paulo: Lemos Editorial.

Benetton, J., Marcolino, T. Q. (2013). As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(3): 645-652. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.067>

Benetton, J., Ferrari, S. M. L., Mastropietro, A. P., Bertolozzi, R. C., Marcolino, T. Q. (2021). Diagnóstico situacional: conhecendo o sujeito alvo no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. In A. M. Oliveira, A. D. B. Vizzotto, P. C. H. Mello & P. Buchain (Orgs), *Terapia ocupacional em neuropsiquiatria e saúde mental* (pp. 331-338). São Paulo: Manole.

Cid, M. F. B., Squassoni, C. E., Gasparini, D. A., & Fernandes, L. H. O. (2019). Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. *Pro-Posições*, 30, e20170093. Epub April 18, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>

Dituri, D. R., Marcolino, T. Q. (2016). Sistematização da aplicabilidade de uso da técnica Trilhas Associativas em Terapia Ocupacional. In: IV Seminário de Pesquisa em Terapia Ocupacional, 2016, Vitória, ES. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Suplemento especial*, 24: 22-24.

Ferrari, S. M. L. (2005). Terapia Ocupacional e as fronteiras do seu território. *Revista CETO*, 9: 9-17.

Marcolino, T. Q., Benetton, J., Cestari, L. M. Q., Mello, A. C. C., Araújo, A. S. (2020). Diálogos com Benetton e Latour: possibilidades de compreensão da inserção social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4): 1322-1334. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoarf2032>.

Maximino, V. S., Petri, E. C., Carvalho, A. O. C. (2012). A compreensão de saúde para o Método da Terapia Ocupacional Dinâmica. *Revista Ceto*, 13: 34-40. <https://ceto.pro.br/wp-content/uploads/2021/03/05-varios-1.pdf>

Santarosa, C. C. (2012). Erros, acertos e consertos em um atendimento infantil. *Revista CETO*, 13: 41-48. <https://ceto.pro.br/wp-content/uploads/2021/03/06-santarosa-1.pdf>

Tanner, K., Hand, B.N., O'Toole, G., Lane, A.E. (2015). Effectiveness of Interventions to Improve Social Participation, Play, Leisure, and Restricted and Repetitive Behaviors in People With Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review. *American Journal of Occupational Therapy*, 69(5):6905180010p1-12. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.2015.017806>

**Contribuição dos autores:** Todas as autoras foram responsáveis por todas as etapas na redação do texto.

**Recebido em:**01/04/2021

**Aceito em:**01/12/2021

**Publicado em:**31/07/2022

**Editor(a):**Ricardo Lopes Correia